

Mercado espera sinal de Lula

**Angela Bittencourt e
Patrícia Fortunato**
De São Paulo

A expectativa de escalada da inflação precisava ser quebrada e o aumento do juro básico da economia para 25% fez o serviço. Esta é a opinião do mercado sobre a decisão tomada ontem pelo Copom que elevou a taxa Selic ao maior nível desde maio de 1999.

O forte ajuste não deve ser suficiente, porém, para confirmar a intransigência do PT com a inflação. A decisão foi tomada ainda pelo governo FHC e, exatamente por esta razão, grandes bancos contam com um sinal na reunião do Copom em janeiro e talvez até em fevereiro.

Não há dúvida de que o setor real da economia sofrerá as consequências no curto prazo. No entanto, a médio e longo prazo, acreditam os bancos, o novo governo, em geral, e o BC de Henrique Meirelles, em particular, serão beneficiados com indicações claras de austeridade.

"O BC de Henrique Meirelles vai ter que ao menos apontar sua intolerância com a inflação. Portanto, poderemos ter em janeiro um novo aumento do juro que pode ser simbólico. Neste sentido, a ausência do viés atrapalha", afirma Alexandre Matthias, economista-chefe do Unibanco Asset Management (UAM) para quem a alta da inflação não deveria preocupar tanto porque "a política monetária é a solução no gerenciamento das expectativas".

Mauro Schneider, do ING, concorda que as expectativas precisavam ser quebradas. "O mercado financeiro já detectava o arrefecimento recente dos índices, mas na

economia real os reajustes ainda são superiores a dois dígitos. A perspectiva é de que o juro a 25% interrompa esta dinâmica perversa de alinhamento de preços".

Adauto Lima, do WestLB do Brasil, considera a alta da Selic correta, mas atrasada e valoriza o que considera uma mudança de postura do PT, que assumiu um discurso mais incisivo contra a inflação.

Para os próximos encontros a decisão de aumentar ainda mais a taxa "vai depender muito do comportamento das expectativas inflacionárias, que não caíram desde que o Copom elevou os juros de 18% para 21% e, posteriormente, 22%", avalia Hugo Penteado, economista-chefe do ABN Amro Asset Management, que já previa a elevação, "antipática, mas necessária" para 25%. No primeiro semestre de 2003, entende Penteado, não há espaço para a queda da Selic, uma vez que "a política monetária leva de seis a nove meses para surtir efeito, por conta da defasagem" e que a taxa de juros real — que em 2002, segundo o economista, fecha em 7% — é mais baixa desde a implantação do Real.

Cristiano Oliveira, economista do banco Schain, é outro que não acredita em queda dos juros tão cedo. A decisão tomada ontem foi importante por mostrar "a disposição, de Armínio Fraga e da atual equipe, de não abandonar o regime de metas inflacionárias", avalia Oliveira levando em conta que a atual equipe do BC ainda permanecerá na ativa nos primeiros meses do governo Lula. Para o economista, a alta dos juros também deve contribuir para a apreciação do Real e para frear o componente inercial da inflação.